



Tópicos sobre epistemología: Buscando o bom senso a través de Gramsci

Topics on Epistemology:
Searching for Good Judgment through Gramsci

Luiz Carlos NASCIMENTO DA ROSA

*Grupo de Estudo do Pensamento Marxista,
Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.*

RESUMEN

Este trabajo se desarrolla en el contexto de una aproximación externalista de la epistemología. Se busca reflexionar de forma unitaria categorías como: sentido común, filosofía, ideología, progreso, buen sentido, desde una reflexión sobre la Ciencia y sus procesos. Se toma como punto de partida el horizonte concreto de las prácticas pedagógicas en el campo de las Ciencias Naturales. Para demostrar nuestros objetivos usamos como fundamento teórico-filosófico el marxismo historicista implícito en el pensamiento de Gramsci.

Palabras clave: Epistemología, prácticas pedagógicas, ciencias naturales, Gramsci.

ABSTRACT

This paper develops within the context of an externalistic approximation to epistemology. It is an attempt to reflect in a unitary manner on categories such as common sense, philosophy, ideology, progress, good judgment, as well as a reflection on science and its processes. The starting point is the concrete horizon of pedagogical practices in the natural sciences field. To demonstrate the objectives, the historical Marxism implicit in Gramsci is used as a theoretical and philosophical basis.

Key words: Epistemology, pedagogical practices, natural sciences, Gramsci.

* Coordinador del *Grupo de Estudo do Pensamento Marxista*, integrado por Clenio PERLIN BERNI, Maristela SOUZA, Alceu Júnior PAZ DA SILVA, Gustavo DA SILVA FLORES, Rio Grande do Sul, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, pela temática a ser abordada, não constitui-se em um exercício intelectual integralmente original. Seu conteúdo epistemológico traduz-se pelo fato de trazer para o âmbito do ensino das ciências naturais reflexões que pôr natureza estão hegemonicamente no campo da Filosofia e da Política.

Pretendemos, apreender Ciência, sujeitos da prática social da ciência e a aprendizagem deste campo epistemológico submersos no complexo tecido das práticas sociais.

Quando nos detemos numa leitura da história da ciência, verificamos que as últimas décadas do século XX e este início do século XXI estão repletas de um conjunto imenso de saltos qualitativos nos processos de produção do conhecimento humano. Usando, como teoria guia para ler os processos da ciência, *A Estrutura das Revoluções Científicas* de Kuhn, podemos dizer que nosso tempo está marcado pôr verdadeiras revoluções paradigmáticas no conhecimento científico.

Este contexto produtivo têm revolucionado as formas do ser humano compreender o mundo e sua posição no contexto deste mundo.

O problema gestado neste novo contexto Teórico/prático é que estas novas formas de fazer ciência, não têm conseguido atingir a grande maioria da população, ao contrário, tem-se estabelecido um grande “fosso” entre ciência e vida cotidiana.

Como a vida prática de homens e mulheres é circunscrita por uma riqueza imensa de aparatos tecnológicos, como produtos e produtores de ciência e, falta-lhes alfabetização científica para decodifica-las, suas visões sobre a leitura desta realidade torna-se desprovida de crítica, bem pelo contrário, é eminentemente fetichizada.

Queremos pensar nas categorias conceituais produzidas pela ciência como instrumentos mediadores para uma interpretação e explicação da condição humana, sobre o mundo e suas posições nestas novas formas de mundo.

Pensamos numa abordagem que contemple os aspectos históricos inerentes a atividade científica, bem como os condicionantes externos, isto é, políticos e ideológicos que determinam a escolha do tipo de conhecimento que vai ser produzido pela comunidade de praticantes da ciência. Assim procedendo pensamos contribuir para consolidar uma prática pedagógica crítica na educação em ciências, bem como, possibilitar uma leitura desmitificadora da totalidade da realidade, tanto material quanto social.

Para isto elencamos algumas questões que nos parecem orientadoras para esta leitura do mundo da ciência e, norteadoras para a construção de princípios pedagógicos que sejam mais coerentes com a História e os processos da ciência, isto é: *Existe relação entre ciência e vida cotidiana? Como utilizar esta reflexão no contexto pedagógico?*

Tendo em vista estes elementos iniciais que orientam nossa interpretação epistemológica dos processos da ciência, sentimos a necessidade de usar uma teoria social que não contemple apenas os aspectos internos que condicionam a prática da ciência, mas, interprete e explique objetivamente as determinações histórico-culturais que dão concretude a esta nova forma histórica de produção do conhecimento humano e, suas implicações no contexto da produção da consciência humana.

Assim, utilizamos as bases teóricas do materialismo histórico para fundamentar nossa leitura e, dar forma a nossa vertente da epistemologia.

No dizer de Marx e Engels:

o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual. Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar as suas formações mais amplas¹.

No mesmo contexto teórico vão nos afirmar que “a consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real”.

Posto desta forma diríamos que pensamos ser correto pensar os processos da ciência e sua História no interior da História universal da humanidade. Nossa pretensão é dar um conteúdo filosófico para a leitura histórica da ciência e, ao mesmo tempo, historicizar a epistemologia.

2. ORIGEM E EVOLUÇÃO DA IDEOLOGIA: UMA LEITURA HISTÓRICA

Iniciaremos a discussão por este tema por entendermos que através deste esclarecer-se-á os diferentes papéis que a ciência pode assumir e, que as tomadas de decisões que se faz através da ciência, na maioria das vezes, é determinada pela esfera econômico-política.

Neste sentido introduz-se um momento de discussão ética que, poderá auxiliar-nos na compreensão do papel da ciência para o sistema sócio-econômico e político a que estão sujeitos homens e mulheres em geral.

Com o advento do capitalismo (revolução burguesa) no plano da História Universal, dá-se o surgimento de uma nova estrutura social, onde a classe dominante (burguesia) não pode mais amparar-se nos mesmos instrumentos de sustentação que eram característicos da estrutura feudal, o qual sustentava-se nos dogmas e determinismos religiosos, pois, o Clero partilhava da estrutura de poder juntamente com a aristocracia.

Neste contexto histórico, as diferenças sociais eram justificadas em nome de um Deus todo poderoso, sendo a ideologia religiosa o maior instrumento de manutenção dos privilégios, tornando a maioria da população alijada dos processos sociais e, mantidas hegemonicamente em condições bárbaras de miserabilidade.

Parafraseando Gramsci diríamos que é a Superestrutura religiosa que estabelece as condições subjetivas de consolidação da hegemonia dominante.

A classe dominante para romper com este sistema social teve que, necessariamente, combater também a estrutura de poder, pois o novo sistema apontava novas formas de produção da existência humana que, sustentava-se pelo trabalho “livre”. A subsistência humana não estava relacionada apenas a terra, muito pelo contrário, a nova perspectiva centrava-se na indústria, na expansão dos mercados.

Produziu-se o mercado mundial e, eficiência e produtividade, segundo esta nova ideologia, são garantidas pela competitividade.

Segundo Marx e Engels:

1 Marx, K. e Engels, F. (1991): *A Ideologia Alemã*, São Paulo, Hucitec, p. 37.

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calçou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus “superiores naturais” ela os despedaçou sem nenhuma piedade, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do ‘pagamento a vista’. Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavallhereisco, do sentimentalismo pequeno burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca... Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal²,

Este processo social revolucionário vai superar o regime de semi-escravidão característico da estrutura feudal mas, não rompe com o sistema classista, ao contrário dá origem a novas classes sociais, continuando a relação entre dirigentes e dirigidos, sustentado, é claro, pela relação econômica Capital X Trabalho. Com isso o novo sistema não eliminará as contradições sociais, ficando esta por conta do antagonismo Capitalista X Trabalhador, continuando a grande maioria produzindo as condições de existência mas, a riqueza sendo apropriada por uma minoria privilegiada.

Para ocultar estas relações antagonicas a classe dominante transformará a ciência no maior instrumento ideológico e, com ela toda forma de conhecimento será utilizada para manutenção do novo sistema social. Neste contexto torna-se, segundo Gramsci, a ciência como a nova Superestrutura responsável pelo estabelecimento das condições subjetivas de objetivação da nova ideologia.

Na modernidade não justifica-se mais as desigualdades pela ação do criador, sendo concedida ascensão social para aqueles dotados de saber, transformando estes em um novo estrato de privilégios e **organicamente** vinculados a classe dominante. Em a *Concepção Dialética da História*, Gramsci vai nos afirmar que:

O progresso científico fez nascer a crença e a espera de um novo Messias, que realizará nesta terra o país da felicidade; as forças da natureza; sem nenhuma intervenção do esforço humano, mas através de mecanismos cada vez mais perfeitos, darão em abundância à sociedade tudo necessário para satisfazer suas necessidades e viver na fartura³.

Gramsci nos aponta a forma que o sistema capitalista de produção vai desenvolver o conceito de progresso. Assim, pensamos que, para uma reflexão crítica sobre ética científica devemos fazer uma investigação mais aprofundada sobre este conceito, a fim de compreender o que ele realmente representa para esta nova ordem social que funda-se no processo competitivo.

Para Gramsci progresso é uma ideologia pois:

2 Marx, K. e Engels, F. (s/d): *Obras Escolhidas*, Volumes 1, 2, 3, Alfa Omega, pp. 23, 24.

3 Gramsci, A. (1987): *Concepção Dialética da História*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 71.

Está subentendida a possibilidade de uma mensuração quantitativa e qualitativa: mais e melhor. O nascimento e o desenvolvimento da idéia de progresso correspondem à consciência difusa de que se atingiu uma certa relação entre a sociedade e a natureza (incluindo no conceito de natureza e de acaso e o de “irracionalidade”), relação de tal espécie que os homens –em seu conjunto– estão mais seguros quanto ao seu futuro, podendo conceber “racionalmente” planos globais para sua vida⁴.

No mesmo sentido Chauí estudando a idéia de progresso enquanto ideologia diz-nos que: “Contrariamente ao que poderíamos pensar, essa noção tem em sua base o pressuposto de um desdobramento temporal de algo que já existira desde o início como germe ou larva, de tal modo que a História não é transformação e criação, mas explicitação de algo idêntico que vai apenas crescendo com o correr do tempo”⁵.

No mesmo contexto a autora vai afirmar que um outro conceito complementar é a idéia de desenvolvimento que “pressupõe um ponto fixo, idêntico e perfeito, que é o ponto terminal de alguma realidade e ao qual ela deverá chegar normativamente”.

Por isso mesmo devemos fazer uma reflexão crítica sob estes aspectos para que através da ciência e da educação científica possamos realmente construir um novo momento *ético político* onde, conhecimento e seres sociais de ciência não sejam mitos e sim sujeitos históricos.

Passa-se para a sociedade em geral a idéia de *não ruptura*, de não revolução no conhecimento, pois, caso evidencie-se a dinâmica de produção do conhecimento científico, evidenciar-se-a analogicamente a dinâmica do processo histórico.

Para evitar a possibilidade da transformação e dar continuidade a estagnação histórico social, todas as formas de saberes serão desenvolvidas de forma linear, afim de dar ocultação às diferentes formas de realidade.

Neste sentido a educação científica tem contribuído, e muito, para a manutenção desta ideologia, pois, atua de forma determinista e, desenvolve a idéia de conhecimento como se fossem verdades inquestionáveis que, segundo Gramsci: “Se as verdades científicas fossem definitivas, a ciência teria deixado de existir como tal, como investigação, como novas experiências, reduzindo-se a atividade científica a repetição do que já foi descoberto. O que não é verdade, para felicidade da ciência”⁶.

Assim sendo, uma educação científica que deseje ser realmente crítica, deve desenvolver o saber científico de forma a mostrar o verdadeiro processo de produção deste conhecimento, que segundo Gramsci:

A ciência é uma categoria Histórica, um movimento em contínua evolução. Simplesmente a ciência não coloca nenhuma forma de ‘incognoscível’ metafísico, mas reduz o que o homem não conhece a um empírico ‘não conhecimento’ que

4 *Ibid.*, pp. 44, 45.

5 Chauí, M. (1982): *Cultura e Democracia*, São Paulo, Moderna, p. 29.

6 Gramsci, A. (1987): *op. cit.* p.70.

não exclui a cognoscibilidade, mas a condiciona ao desenvolvimento da inteligência histórica dos cientistas individuais⁷.

Nossa leitura aponta para a definição da ciência como um elemento privilegiado da superestrutura, como elemento determinante do modelo sócio-econômico. A ciência apropriada pelo sistema produtivo capitalista vai justificar e servir à manutenção e expansão deste novo modelo social de exclusão e discriminação.

O sistema capitalista, para manter-se intocável e inquestionável, vai construir na cabeça de homens e mulheres, a idéia que são os seres humanos em particular e, em situações particulares que produzem a exploração, ocultando assim, a vinculação entre a base econômica e o tipo de relação que se estabelece socialmente.

Para Chauí, “A operação ideológica consiste em afirmar que de direito a sociedade é indivisa, sendo prova da indivisão a existência de um só e mesmo poder estatal que dirige toda a sociedade e lhe dá homogeneidade”⁸.

Faz parte da operação que transforma os interesses burgueses como o interesse de toda a sociedade, ou seja, produz a universalização de seus interesses, subsumindo os interesses das demais classes aos interesses de acumulação do capital.

Assim, para que tenha-se uma ciência realmente desmistificada é necessário se ter claro que, a ciência possui condições de produzir historicamente metodologias que são capazes de apropriarem aquilo que são exteriores a ela, até mesmo a condição do ser humano no e com o mundo.

No entanto os interesses burgueses dificultam a reflexão crítica, inibindo que a mesma desenvolva métodos do ser social produzir seu auto-conhecimento e, ao mesmo tempo explicar o processo histórico do conhecimento vinculado a totalidade do mundo e, não apenas vislumbrar a atividade científica atrelada ao desenvolvimento e a manutenção dos interesses do capital.

Para finalizar, é um papel histórico da prática pedagógica contribuir para que os homens e mulheres, em geral, consigam clareza do lugar e do papel da ciência na construção das condições materiais de produção da existência humana, para que possam romper com os mitos incorporados socialmente em função da ideologia científica.

3. SENSO COMUM, CIÊNCIA E FILOSOFIA: RELAÇÕES CONTRADIÇÕES

No campo das ciências da natureza podemos observar o avanço dos métodos físicos de análise que, nos dão informações cada vez mais aprofundadas e complexas da estrutura da matéria. No campo social, através do avanço tecnológico, pode-se observar novas formas de produção, assumindo, o ser humano, um diferenciado papel no mundo do produtivo.

Para exemplificar, citamos o uso da automação dentro do processo produtivo que, tem alterado profundamente, as relações de homens e mulheres no contexto do mundo do trabalho.

7 *Ibidem*.

8 Chauí (1982): *op. cit.* p. 20.

Historicamente, em nossa realidade, é cada vez mais acentuada a separação entre sujeitos que concebem e planejam os mecanismos de produção e aqueles que executam o processo produtivo. Ou seja, exacerbou-se a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Além deste aspecto que se refere ao mundo da produção, as revoluções técnico-científicas não tem auxiliado homens e mulheres a interpretar e conceber o mundo coerentemente. Continua a grande maioria dos seres humanos amparados em visões mítico-religiosas, que para o atual momento histórico, contribui para o projeto da classe dominante de manter o consenso passivo.

Com isto, hegemonicamente, homens e mulheres, em sociedade, têm delegado poderes para que uma minoria concebam e planejem suas existências, ficando esta maioria mergulhados na mais completa alienação.

Paradoxalmente a evolução das condições materiais, vêem-se os sujeitos sociais cada vez mais mergulhado na luta pelas condições mínimas de sobrevivência, sendo estes obrigados a manterem-se presos ao mundo da produção e interpretação de sua existência imediata.

A partir destas contradições surge-nos questionamentos em relação a função da atual educação científica, pois, uma parcela da população passa pela escola, e mesmo aquelas que possuem bons anos de escolaridade não conseguem superar suas visões de mundo construída a partir de suas práticas sociais produzidas na vida cotidiana.

Em nosso entender, isto é uma indicação evidente que o ensino das ciências não tem provocado rupturas conceituais nos sujeitos que têm acesso a escolaridade, isto é, não têm conseguido superar as construções conceituais cotidianas que os sujeitos trazem para a escola.

Para entender a atual prática pedagógica dos educadores responsáveis pela área das ciências da natureza, bem como apontar uma perspectiva progressista para suas práticas, buscaremos estudar o conceito de *senso comum e intelectuais* na sua relação com a *ciência e a filosofia*, bem como suas conexões com o processo histórico mais amplo.

Para o estudo destas relações serão utilizadas os conceitos desenvolvidos por Antônio Gramsci, isto por entendermos que o referido autor apreende os conceitos no contexto pedagógico, político e epistemológico.

Entendemos, também, que sua perspectiva teórica aponta caminhos pedagógicos para o avanço ontológico do gênero humano.

Nosso autor delinea, também, teoricamente, um projeto revolucionariamente unitário, contemplando transformações culturais, sociais políticas e econômicas.

Para compreender a contribuição Gramsciana aos conceitos de filosofia, senso comum, intelectuais e ciência, evitando simplificações que iriam prejudicar as idéias desenvolvidas em suas obras, deveremos estudá-los de forma a relacioná-los dialeticamente.

Assim procedendo poderemos compreender sua concepção de mundo, bem como a dinamicidade que coloca em seus temas e, a sua excepcional dialetização que aponta não apenas uma coerente leitura do real, mas, ao mesmo tempo a dinâmica de sua superação.

Quando se estuda isoladamente o conceito de senso comum nas obras de Gramsci apreende-se apenas sua crítica radical, mas não sua perspectiva revolucionária que, aponta as formas de superação. Gramsci faz uma crítica radical ao senso comum enquanto esfera social que reproduz o consenso passivo em torno da estrutura social capitalista e, por seus determinantes históricos, não representa o bom senso.

Gramsci desenvolve uma perspectiva teórica que aponta a superação das dicotomias tais como senso comum-intelectuais, teoria-prática, ciência-vida e filosofia-história como condições básicas para atingir-se uma sociedade verdadeiramente nova, com relações inovadoras entre os seres sociais.

Nesta investigação Gramsciana fica-nos claro a função e o lugar da ciência no quadro geral de todo conhecimento social e historicamente produzido pela humanidade.

Segundo Gramsci:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’ significa também, e sobre tudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializadas’ por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elementos de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato ‘filosófico’ bem mais importante e original do que a descoberta, por parte de um ‘gênio filosófico’ de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos de intelectuais⁹.

Para um momento histórico determinado, filosofia e ciência (enquanto produção humana) contribuem conjuntamente para o estabelecimento de uma concepção de mundo, mas, pelas características estabelecidas pelas condições econômicas de nossa realidade, condiciona homens e mulheres em função da ideologia hegemonicamente dominante.

Neste sentido é muito comum, no contexto da vida cotidiana, escutarmos o termo “filosofia de vida” que, não sendo fruto da reflexão da realidade das relações sociais, caracteriza-se como filosofia elaborada, sendo apenas vontades estranhas que são incorporadas à vida cotidiana de homens e mulheres, isto sim, produto da materialização da ideologia do sistema dominante.

Para que seja superada as visões fetichizadas sobre o real, deve-se fazer uma análise e uma crítica radical as práticas cotidianas, para que homens e mulheres consigam determinar quais os elementos que dão-lhes sustentação e/ou falsa coerência.

A construção de uma nova cultura que dê identidade não apenas a uma parcela da população, passa necessariamente, pela reflexão sobre as relações que homens e mulheres estabelecem socialmente e, para que seja construído um novo momento ético-político faz-se necessário o rompimento com o consenso passivo, elemento este, determinante para o estabelecimento da categoria histórica senso comum.

Para Gramsci:

O início da elaboração crítica é consciência daquilo que somos realmente, isto é, um ‘conhecer-te a ti mesmo’ como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos em benefício do inventário. ‘Deve-se realmente fazer um inventário’¹⁰.

9 Gramsci, A. (1987): *op. cit.* pp.13-14.

10 *Ibid.*, pp. 12-14.

E, nosso autor, coloca ainda que se não pensarmos o nosso tempo presente somos “anacrônicos em face da época em que vivemos, nós somos fosseis e não seres modernos” e, diz ainda que “referir-se ao senso comum como prova da verdade é um contra senso”.

Deve-se, isto sim, aproveitar o *núcleo sadio* deste senso comum e a estabilidade que este produz as idéias a ele incorporada, bem como, a solidez de suas crenças não no sentido de avaliar os conteúdos de tais crenças e sim “a sua solidez formal e consequentemente, à sua imperatividade quando produzem normas de conduta”.

Para Gramsci o senso comum é um “Conceito equívoco, contraditório e multiforme” e “não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o ‘folclore’ da filosofia e, como folclore se apresenta de inúmeras formas” onde “seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerentemente, inconseqüentemente, adequada à posição social e cultural das multidões, das quais ele é filosofia” e “é um agregado caótico de concepções disparatas, podendo-se encontrar nele tudo o que se queira”¹¹.

No senso comum, para Gramsci, predominam “os elementos realistas”, materialistas, isto é, “o produto imediato da sensação bruta” e que

afirma a objetividade do real na medida em que a realidade, o mundo, foi criado por Deus independentemente do homem, antes do homem; ela é, portanto expressão da concepção mitológica do mundo; o senso comum, ademais, ao descrever esta objetividade, incide nos erros mais grosseiros, em grande parte, ele ainda permanece na fase da astronomia Ptolomaica, não sabendo estabelecer os nexos reais de causa e efeito, etc, isto é, ele afirma ser ‘objetiva’ uma certa ‘subjetividade’ anacrônica, já que nem sequer pode conceber a possibilidade de existência de uma concepção subjetiva do mundo, bem como o que ela queira ou possa significar¹².

Podemos observar que existe um enorme vazio, ou seja, uma violenta divisão entre aqueles que apropriam-se dos conhecimentos produzidos pela ciência e, portanto, interpretam coerentemente as diferentes realidades, e a grande massa submetida a um obscurantismo cultural, portanto, fundamentando suas práticas cotidianas em concepções derivadas das ideologias (tanto científicas quanto religiosas).

Portanto, para que torne-se eficiente e cumpra seu objetivo de emancipação do ser humano, todo o conhecimento produzido pela ciência deve ser socializado e desmitificado a fim de termos uma nova sociedade formada por novos seres sociais, culturalmente elaborados.

Para Gramsci, “o homem conhece objetivamente na medida em que o conhecimento é real para todo o gênero humano, historicamente unificado em um sistema cultural unitário” que ocorre

11 *Ibid.*, p. 147.

12 *Ibid.*, p. 144.

com o desaparecimento das contradições internas que dilaceram a sociedade humana, contradições que são a condição da formação dos grupos e do nascimento das ideologias não universais-concretas, mas que envelhecem imediatamente, graças a origem prática da sua substância. Trata-se, portanto, de uma luta pela objetividade (para libertar-se das ideologias parciais e falazes) e esta luta é a própria pela unificação cultural do gênero humano¹³.

Gramsci, buscando compreender o estágio moderno de desenvolvimento das condições materiais de produção da existência humana, atribui um papel fundamental para a ciência, onde a experiência científica é a primeira célula do novo método de produção, da nova forma da união ativa entre homens e natureza. O cientista experimentador é também um operário, não um puro pensador: o seu pensar é continuamente controlado pela prática e vice-versa, até que se forma a unidade perfeita da teoria da prática¹⁴.

No mesmo contexto o autor vai afirmar que “a ciência experimental ofereceu até agora, o terreno sobre o qual uma tal unidade atingiu o máximo de extensão: ela foi o elemento de conhecimento que mais contribuiu para unificar o ‘espírito’, para fazê-lo se tornar mais universal; ela é a subjetividade mais objetivada e universalizada concretamente”.

Ainda, neste contexto, é esclarecedor quando diz “conhecemos a realidade apenas em relação ao homem e, como o homem é um devenir histórico, também a objetividade é um devenir”, e “objetivo significa sempre ‘humanamente objetivo’, o que pode corresponder exatamente a ‘historicamente subjetivo’, isto é, objetivo significaria ‘universal subjetivo’ ”.

Sua preocupação com a busca de um homem universalmente culto, bem como a busca da apropriação por todos os homens da cultura produzida pela humanidade Gramsci diz que

(...) a unidade entre ciência e vida é uma unidade ativa, somente nela se realizando a liberdade de pensamento; ela é uma relação mestre aluno, uma relação entre o filósofo e o ambiente no qual se atua e de onde se extraem os problemas necessários para colocar e resolver: isto é, é a relação filosofia-história “e, “ que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos”. Sendo, também ainda “ vontade concreta: isto é, aplicação efetiva do querer abstrato ou do impulso vital aos meios concretos que realizam esta vontade”¹⁵.

Poderemos entender a estratégia para a operacionalização de uma nova concepção de mundo, que seja partilhada por todos os seres humanos, quando estudarmos sua concepção de intelectual e suas diferentes categorias, bem como sua vinculação entre esses intelectuais e o povo em geral.

Neste momento irá se explicitar sua grande contribuição para a Filosofia Política. Para Gramsci:

13 *Ibid.*, p. 170.

14 *Ibid.*, p. 171.

15 *Ibid.*, p. 38.

pela própria concepção do mundo, pertencermos sempre ao um determinado mundo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou de homens coletivo¹⁶.

Gramsci coloca, também que,

quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencermos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: Nela se encontram elementos dos homens da caverna e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado¹⁷.

A ciência como uma atividade intelectual, portanto coerente, deve através da produção de novos conhecimentos e socializada através da educação científica, fornecer elementos aos seres sociais, para que possam, “dar início” a um processo crítico, de suas próprias concepções de mundo, que para Gramsci

criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até ao ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido” e “significa, portanto, criticar, também toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular”¹⁸.

Caso tenhamos como objetivo a elevação intelectual de todo o gênero humano, ou seja, desenvolver uma concepção de mundo criticamente coerente, devemos ter a “consciência de nossa historicidade” bem como “da fase de desenvolvimento por ela representada e o fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções”.

Para desenvolvermos uma nova humanidade, para uma nova sociedade, devemos pensar a ciência e o conhecimento por ela produzido, de forma a alcançar a unidade entre ciência e produção, bem como a eliminação da dicotomia trabalho intelectual e trabalho manual.

Para isso devemos ter como princípio que “em qualquer trabalho físico mesmo no mais mecânico e degradado existe o mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora”. No mesmo contexto, Gramsci coloca ainda que

não existe atividade humana da qual se possa excluir toda a intervenção intelectual, não se pode separar Homo Faber do Homo Sapiens” e é conclusivo quando

16 *Ibid.*, p.47.

17 *Ibid.*, p. 12.

18 *Ibid.*, p. 13.

diz “ em suma, todo o homem fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar”¹⁹.

Esta nova maneira de pensar que, será característica do homem novo, forjado através da construção de novas relações sociais, deverá elevar a nível de um pensamento coerentemente e criticamente elaborado, colocando-se como uma ordem intelectual, ou seja, como filosofia.

Enquanto ordem intelectual a filosofia para Gramsci

é a crítica e a superação da religião e do senso comum e, neste sentido, coincide com o ‘bom senso’ que se contrapõe ao senso comum”. Mas nesta diferenciação radical, Gramsci, aponta a necessidade de ligação da filosofia dos filósofos, com a grande maioria dos simplórios e, será nesta ligação que a filosofia determina sua importância histórica e, “ é possível dizer que o valor histórico de uma filosofia pode ser ‘calculado’ a partir da eficácia ‘prática’ que ela conquistou (e ‘prática’ deve ser entendida em um sentido *latu*)”²⁰.

Para que uma filosofia seja representante de uma determinada sociedade, esta deverá reagir positivamente ou negativamente, e “ a medida em que ela reage é justamente a medida de sua importância histórica, de não ser ela ‘elucubração’ individual, mas ‘fato histórico’”.

Para que uma nova forma de compreender o mundo efetive-se de fato, e supere-se o momento que toma-se as coisas como filosofias, e construa-se uma concepção de mundo coerente, portanto uma filosofia.

Em Gramsci:

O trabalho filosófico sendo concebido não mais apenas como elaboração individual de conceitos sistematicamente coerentes, mas além disso, e sobre tudo, como luta cultural para transformar a ‘mentalidade’ popular e divulgar as inovações filosóficas que se revelem ‘historicamente verdadeiras”, na medida em que se tornem concretamente, isto é, histórica e socialmente universais²¹.

Surge aqui a noção de vínculo orgânico do intelectual com o grupo social que, considerado sob o ponto de vista da classe expropriada, o intelectual orgânico deverá elaborar e tornar coerente os princípios e os problemas que essa classe coloca através de sua atividade prática e, este novo movimento filosófico nasce, para Gramsci “no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente jamais se esquece

19 *Ibid.*, pp. 7-8.

20 *Ibid.*, p. 14.

21 *Ibid.*, p. 30.

de permanecer em contato com os ‘simples’ e, melhor dizendo, encontra neste contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos”²².

Este processo de interação prática e ideologicamente comprometida é que produz-se a pedagogia das ações políticas que, em nosso entender é uma das teses centrais do pensamento de Gramsci, isto é, para se atingir um novo momento ético-político faz necessário tornar as relações políticas em relações pedagógicas.

Não resolve os problemas das contradições sociais apenas tornando as ações pedagógicas em ações políticas, homens e mulheres, em sociedade, devem ter consciência de suas funções no ato de educar as práticas políticas.

A organicidade entre seres sociais portadores da cultura construída historicamente pelo gênero humano e os excluídos de escolaridade faz necessário para a construção de uma ideologia “universal concreta” que, para nosso autor pressupõe fundar a vida cotidiana através de ações colaborativas e, torná-la ato através da educação, mediada esta pelo ensino do princípio da solidariedade.

O conhecimento concreto da história e, dos processos históricos de construção do conhecimento da ciência são momentos essenciais e reveladores das formas humanas de produzir suas manifestações culturais e, definidor das formas reais de produção da vida. Assim, pensamos que é neste contexto que a educação científica pode contribuir para o exercício de uma cidadania realmente solidária

Para isso devemos pensar novas bases para fundamentar nossas ações pedagógicas no campo do ensino das ciências naturais, estabelecidas essas como essenciais no processo de construção da cultura humana, portanto, mediação imprescindível para sua emancipação. Isto tudo foi posto porque busca-se a formação de seres humanos coerentes com seu tempo e, sujeitos ativos para transformar a filosofia em ato.